

O jornalismo e a educação como instrumentos de combate à desinformação: uma análise do site Nexo EDU¹

Periodismo y educación como herramientas para combatir la desinformación: un análisis del sitio de Nexo EDU

Journalism and education as tools to combat disinformation: an analysis of the Nexo EDU website

Michelle Araújo do Nascimento Albigesi²

Resumo

Este trabalho se propõe a provocar uma reflexão sobre os rumos do jornalismo na era da pós-verdade, caracterizada pela crescente disseminação de notícias falsas. Pretende-se examinar como a educação para as mídias é indispensável na proposta de um modelo de educação que estimule a formação de cidadãos críticos e participativos. Nesse sentido, busca analisar o *site* jornalístico Nexo EDU como ferramenta para alunos e professores auxiliando no combate à desinformação; avalia ainda se a plataforma pode ser adotada em outros veículos *on-line* jornalísticos como prática no combate à desinformação. Nessa análise foi adotada revisão bibliográfica, inicialmente, para uma contextualização do cenário contemporâneo em que a ampliação do acesso a dispositivos tecnológicos e à *internet* contribui para a disseminação de notícias falsas. Como instrumento de combate à desinformação emerge a Educação com o papel de fornecer conhecimento para os meios, de modo a formar cidadãos críticos, conscientes e preparados para interpretar as notícias, fazer uso responsável dos dispositivos tecnológicos e redes, e agentes de combate à disseminação de notícias falsas. Tomando parte nessa análise, o site Nexo EDU é caracterizado pela variedade de recursos como gráficos, *quizzes*, imagens e interatividade. Apresentando assuntos de interesse para exploração em sala de aula, o Nexo EDU fornece material de apoio útil ao professor e aluno, para contribuir na aprendizagem. Por fim, busca-se analisar se a plataforma Nexo EDU, ao se apresentar como ferramenta de apoio ao ensino em sala de aula, tem papel importante no combate à desinformação.

Palavras-Chave: Jornalismo; Educação; Mídia-educação; *Fake news*; Ciberjornalismo.

Resumen

Este trabajo pretende provocar una reflexión sobre el rumbo del periodismo en la era de la posverdad, caracterizada por la creciente difusión de noticias falsas. Se pretende examinar cómo la educación en medios es indispensable en la propuesta de un modelo educativo que fomente la formación de ciudadanos críticos y participativos. En este sentido, busca analizar el sitio web periodístico Nexo EDU como una herramienta para estudiantes y docentes que ayuda a combatir la desinformación; También evalúa si la plataforma puede ser adoptada en otros vehículos periodísticos en línea como práctica para combatir la desinformación. En este análisis se adoptó una revisión bibliográfica, inicialmente, para contextualizar el escenario contemporáneo en el que la expansión del acceso a dispositivos tecnológicos e internet contribuye a la difusión de noticias falsas. Como instrumento para combatir la desinformación, la Educación surge con el rol de brindar conocimiento a los medios, con el fin de formar ciudadanos críticos, conscientes y preparados para interpretar las noticias, hacer un uso responsable de los

¹ Artigo apresentado no Latinidades – Fórum Latino-Americano de Estudos Fronteiriços, na modalidade online, 2020.

² Mestranda em Comunicação; Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS); Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; michelle.araujo@ufms.br.

dispositivos y redes tecnológicas, y agentes para combatir la difusión de información. noticias falsas. Participando en este análisis, el sitio web de Nexo EDU se caracteriza por una variedad de recursos como gráficos, cuestionarios, imágenes e interactividad. Al presentar temas de interés para la exploración en el aula, Nexo EDU proporciona material de apoyo útil para que profesores y estudiantes contribuyan al aprendizaje. Finalmente, se busca analizar si la plataforma Nexo EDU, al presentarse como una herramienta de apoyo a la docencia en el aula, juega un papel importante en la lucha contra la desinformación.

Palabras claves: Periodismo; Educación; Media-Educación; *Fake news*; Cyberperiodismo.

Abstract

This work aims to provoke a reflection on the direction of journalism in the post-truth era, characterized by the increasing spread of false news. It is intended to examine how media education is indispensable in the proposal of an education model that encourages the formation of critical and participative citizens. In this sense, it seeks to analyze the journalistic website Nexo EDU as a tool for students and teachers helping to combat disinformation; it also evaluates whether the platform can be adopted in other online journalistic vehicles as a practice in combating disinformation. In this analysis, a bibliographic review was adopted, initially, to contextualize the contemporary scenario in which the expansion of access to technological devices and the internet contributes to the dissemination of false news. As an instrument to combat disinformation, Education emerges with the role of providing knowledge to the media, in order to form critical citizens, aware and prepared to interpret the news, make responsible use of technological devices and networks, and agents to combat the dissemination of information. fake news. Taking part in this analysis, the Nexo EDU website is characterized by a variety of resources such as graphics, quizzes, images and interactivity. Presenting subjects of interest for exploration in the classroom, Nexo EDU provides useful support material for teachers and students to contribute to learning. Finally, it seeks to analyze whether the Nexo EDU platform, when presenting itself as a tool to support classroom teaching, plays an important role in combating disinformation.

Keywords: Journalism; Education; Media-Literacy; Fake News; Cyberjournalism.

1. Introdução

A intenção desse trabalho se traduz numa tentativa de explorar a relação entre Jornalismo e Educação como instrumentos essenciais no combate à desinformação. Para isso, faz-se necessário uma compreensão razoável sobre como se chegou a um período cunhado por alguns autores como “Era da Pós-Verdade”. Sem a pretensão de desfiar os eventos históricos que contribuíram para a ascensão desse período, cabe-nos buscar a percepção de como a Era da Pós-Verdade constitui um dos elementos que contribuíram para o surgimento do fenômeno da desinformação, que por sua vez, é ocasionado pela fabricação e disseminação de notícias falsas, também conhecidas como *fake news*.

Em breve linhas, pode-se definir a Era da Pós-Verdade como um período da sociedade em que já não se guarda tanto valor para a verdade, para o que é fato. A mentira, por sua vez, pode ser tratada com menor severidade. “O fosso entre a mentira e a verdade encolheu para uma fresta” (KEYES, 2018, p. 13). Fazer a escolha entre “contar a verdade” ou “inventar uma mentira”, e optar pela segunda, se tornou mais tolerável, um tanto quanto aceitável.

Há autores que consideram dois eventos, em especial, como marcos dessa era, quais sejam: a eleição de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos e a consulta para

permanência do Reino Unido na União Europeia, também conhecido como Brexit – abreviação para Britain Exit. Ambos realizados em 2016, as campanhas defendidas nesses eventos adotaram deliberadamente como estratégia a utilização de informações enganosas, falseadas, para prejudicar a imagem de seus opositores. O sucesso destas campanhas despertou o interesse do marketing eleitoral por trás das campanhas presidenciais brasileiras nas eleições de 2018, que passou a se valer do mesmo recurso.

Contudo, a Era da Pós-Verdade não é a única responsável pela explosão de fabricação e disseminação de notícias falsas. Outro elemento que contribui para a compreensão desse fenômeno é o acesso à *internet* que, ao longo das últimas décadas, se tornou mais amplo e democrático. Tendo sido transformada em uma nova tecnologia da comunicação, a *internet* se tornou parte do cotidiano dos indivíduos. A ampliação dessa tecnologia permitiu a circulação de um fluxo maior de informações e propiciou a abertura da participação dos usuários nas conversas e debates mediados em redes digitais.

A sociedade em rede, que, inicialmente, se acreditava como um passo significativo na participação ativa dos usuários na *internet* não se mostrou como consciente nem responsável. Havia, sim, uma grande expectativa de que com o aumento da conexão entre indivíduos e instituições, apenas mudanças positivas ocorreriam. No entanto, o uso negligente da *internet* está poluindo e dividindo os indivíduos, ao invés de conectar (FIRST DRAFT, 2019, s. p.).

Ainda que notícias falsas sempre fizeram parte da história do Jornalismo, a conjunção entre a Era da Pós-Verdade – que relativizou o dever da verdade – e a ampliação do acesso à *internet* intensificaram a criação de *blogs* e *sites* para disseminar informações falseadas. Muitos deles se valem de *layout* e nomes semelhantes a veículos de comunicação já solidificados para ganhar a confiança do leitor. Contribuindo no processo de propagação das *fake news*, as redes sociais e aplicativos de mensagens, como Facebook e Whatsapp, são usados para compartilhamento de *links* suspeitos entre amigos e familiares.

Entretanto não há como se compreender o fenômeno da desinformação sem considerar um dos principais elementos, senão o principal elemento nesse processo: o usuário da *internet* que recebe e compartilha informação falsa em suas redes digitais. Este usuário possui conhecimento suficiente para diferenciar uma notícia falsa de um fato? Ele tem ferramentas adequadas para checar se aquela informação corresponde à realidade?

Nesse cenário, percebe-se a Educação como meio indispensável na formação de cidadãos capazes de fazer uma leitura crítica da mídia, incluindo-se aí o desenvolvimento de habilidades como aprender a identificar uma informação falsa e não disseminá-la – ao contrário, ajudar a combatê-la. O uso crítico das ferramentas e dispositivos tecnológicos deve integrar o currículo escolar desde a pré-escola até o ensino universitário. Para Kellner (2008), na medida em que os dispositivos tecnológicos se expandem, há uma premente necessidade da alfabetização crítica da mídia para a promoção de uma democracia participativa.

Se, por um lado, os avanços tecnológicos criaram novas possibilidades para o livre fluxo de informações, o uso de redes sociais e o ativismo global, por outro lado, há também o potencial que as empresas e governos exercem de ampliar seu controle sobre os meios de comunicação, restringir o fluxo de informações e apropriar-se dessas novas ferramentas para o seu próprio lucro e controle, à custa da livre expressão e da democracia (KELLNER, 2018, p. 688).

As grandes empresas de tecnologia têm aprimorado os filtros de busca dos usuários de forma a delimitar os conteúdos e anúncios serão que serão exibidos, conforme as preferências de cada indivíduo. Constitui um tipo de controle de informações e resulta na criação de bolhas de filtro (*filter bubbles*³), limitando o acesso dos usuários a informações que não estejam alinhadas às suas preferências, a menos que aprofunde sua pesquisa.

As bolhas de filtro acabam por estabelecer um instrumento de controle não apenas de empresas e governos, mas servem também a interesses políticos, inclusive, sendo estratégia explorada pelos criadores de *fake news*. Até mesmo nas redes sociais, os algoritmos que definem as preferências e interesses dos usuários colaboram com a disseminação de notícias falsas.

Estudo realizado pela Reuters Institute e University of Oxford revela que, no Brasil, o consumo de notícias pela televisão foi ultrapassado pelas redes sociais. Além disso, os aparelhos de celular são os dispositivos mais utilizados deixando para trás os computadores (REUTERS INSTITUTE, 2020). Para d’Ancona (2018, p. 101), “Ensinar a navegar na web com discernimento deveria ser a missão cultural mais urgente da nossa época”. O imediatismo dessa missão é evidente e terá que se fundar em uma parceria entre Educação e Jornalismo se há expectativa de transformação nesse cenário.

2. Jornalismo e Educação

³ Termo cunhado pelo ativista de internet Eli Pariser em obra publicada em 2011 (SANTAELLA, 2018).

O que é Jornalismo? Ao tentar responder a pergunta, Traquina (2005, p. 22) nos fornece algumas classificações, tais como “atividade intelectual”. Contudo, o define como “atividade criativa, plenamente demonstrada, de forma periódica, pela invenção de novas palavras e pela construção do mundo em notícias [...]”, considerando-se ainda que a atividade criativa possui restrições impostas pela sujeição ao tempo, aos formatos e à hierarquização dos superiores ou aos donos das empresas jornalísticas.

Dentre as funções do Jornalismo estão informar o fato e tornar conhecidos aqueles acontecimentos que são de interesse público. Em um regime democrático, o Jornalismo tem um compromisso com a liberdade sem censura. “A democracia não pode ser imaginada como sendo um sistema de governo sem liberdade e o papel centro do jornalismo, na teoria democrática, é de informar o público sem censura” (TRAQUINA, 2005, p. 22).

O Jornalismo não noticia a ficção. Seu produto principal é a notícia ou o relato do fato a partir do recorte do jornalista. Sua credibilidade reside aí. No entanto, quando a fabricação das notícias falsas foi intensificada, um movimento de desconfiança nos veículos de Jornalismo foi instaurado. Nesse contexto, além do desafio de resgate da credibilidade arruinada, as empresas jornalísticas também assumiram a função de combater as notícias falsas que chegam mesmo a disputar a confiança dos leitores.

De acordo com d’Ancona (2018, p. 45), “exatamente quando a confiança na mídia é requerida, ela, de acordo com pesquisas de opinião mundiais, caiu ao menor número de todos os tempos”. Esse dado revela que o Jornalismo, enquanto um dos pilares da democracia, enfrenta uma crise sem precedentes.

Com a formação desse ambiente de desinformação, surgiram iniciativas de combate às notícias falsas. Em uma das frentes está a agência de *fact-checking*, ou checagem de fatos, que se propõem a investigar a procedência e veracidade das informações com caráter duvidoso, compartilhadas nas redes sociais e aplicativos de mensagens. Muitas destas agências têm, na sua equipe de apuração, profissionais de grandes veículos de comunicação, que se uniram num esforço conjunto de enfrentamento às *fake news*.

Aqui, retornamos à discussão sobre a função do Jornalismo. Nos parece, então, que além de reportar o fato, o que é real e não ficção, o Jornalismo agora também necessita reafirmar seu discurso e resgatar aquela confiança que lhe era característica em tempos passados. Cabe aqui, ainda lembrar outra função agregada ao Jornalismo, qual seja, a responsabilidade social.

A narrativa de mundo construída pelo Jornalismo, por meio dos jornalistas, é mediada pelo social. Ao consultar os Princípios Internacionais da Ética Profissional no Jornalismo, temos, no terceiro deles, aquele que versa sobre a responsabilidade social do Jornalista:

Informação em jornalismo é compreendida como bem social e não como uma comodidade, o que significa que os jornalistas não estão isentos de responsabilidade em relação à informação transmitida e isso vale não só para aqueles que estão controlando a mídia mas em última instância para o grande público, incluindo vários interesses sociais. A responsabilidade social do jornalista requer que ele ou ela agirão debaixo de todas as circunstâncias em conformidade com uma consciência ética pessoal (ASSOCIAÇÃO, 2020, s.p.).

O Jornalismo deve tratar a informação como um bem social, assumindo assim sua responsabilidade sobre o conteúdo transmitido. Nessa perspectiva, há que se destacar que as informações veiculadas na mídia também se constituem como fontes de aquisição de saber, contribuindo para a formação dos indivíduos.

Com a aquisição das tecnologias de informação e comunicação e maior acesso às redes, alunos e professores também se valem de conteúdo jornalístico para aquisição de conhecimento. Ao se ajustar-se como tal, o Jornalismo incorpora uma função também de agente educativo.

Empinotti e Paulino (2018, p. 61) defendem uma aproximação entre o jornalismo e a educação e o aprofundamento de estudos que explorem as duas áreas. Ao citar Mar de Fontcuberta, as autoras apontam quatro dimensões do jornalismo no século XXI, quais sejam, “dimensão socializadora; espaço para o exercício da cidadania, protagonista do ócio e agente educativo”.

Junto de outras instituições, o Jornalismo constitui também como transmissor de saber e, como tal, deve assumir uma função de auxiliar à Educação na tarefa de formar cidadãos críticos, contribuindo para o fortalecimento do processo democrático.

3. Mídia-educação

Cada vez mais presente nas rotinas dos cidadãos, os dispositivos tecnológicos adquirem, aos poucos, um caráter de indispensabilidade para se tornar parte integrada à sociedade. Surge, então, uma nova necessidade de aprendizagem, em que figura a mídia-educação como competência a ser desenvolvida dentro de sala de aula, com o objetivo de estimular nos alunos uma visão crítica acerca dos meios de comunicação, tornando-os familiares às novas tecnologias e adquirindo capacidade de operacionaliza-los de forma responsável.

Dentre as práticas nos campos da comunicação e educação, a mídia-educação, ou *Media Literacy*, “é conceituada como as atividades capazes de desenvolver nos cidadãos habilidades

específicas para acessar, analisar, produzir informação, ter capacidade de argumentar e saber como influenciar leitores ativos das mídias” (ANDRELO; OLIVEIRA, 2012, p. 102). O intuito é contribuir na formação de cidadãos mais participativos e conscientes, com capacidade crítica.

Na sociedade contemporânea, em que os dispositivos tecnológicos estão mais presentes nas rotinas do cotidiano, é urgente a alfabetização tecnológica dentro das escolas. O ensino do manuseio desses dispositivos e seus variados usos contribui na compreensão do alcance dos meios de comunicação bem como estimula nos alunos o uso da tecnologia como forma de participação nos espaços digitais – uma participação que seja construída de forma responsável e crítica.

Bévort e Belloni (2009) consideram que as mídias, tais como importantes e sofisticados dispositivos de comunicação, estão presentes em diversas esferas da vida e são capazes de gerar novos modos de percepção da realidade, produção e difusão de conhecimentos e informações.

São, portanto, extremamente importantes na vida das novas gerações, funcionando como instituições de socialização, uma espécie de “escola paralela” mais interessante e atrativa que a instituição escolar, na qual crianças e adolescentes não apenas aprendem coisas novas, mas também, e talvez principalmente, desenvolvem novas habilidades cognitivas, ou seja, “novos modos de aprender”, mais autônomos e colaborativos, ainda ignorados por professores e especialistas (BÉVORT; BELLONI, 2009, p. 1083-1084).

A “escola paralela” a qual as autoras fazem referência vem ao encontro da ideia, já abordada aqui, de que o Jornalismo e a mídia se valem como outras fontes de saber, incorporando, assim, uma função de agente educativo. A alfabetização para as mídias emerge como instrumento indispensável para auxiliar os jovens na aquisição de conhecimento sobre o funcionamento dessas tecnologias de informação e comunicação, bem como acessar as melhores práticas de uso e aprendizagem de novas habilidades.

Buckingham (2012) avalia que a mídia digital oferece novas possibilidades, interativas e participativas no âmbito educacional, contrapondo as limitações da mídia de massa, que tem caráter hierárquico, fazendo um caminho de cima para baixo. “O potencial que a mídia digital oferece aos estudantes para que se tornem criadores – ao invés de ‘consumidores’ do conhecimento – é considerado por alguns como algo quase revolucionário” (BUCKINGHAM, 2012, p. 41).

4. Nexo Jornal e Nexo EDU

Fundado em 2015, o Nexo Jornal⁴ é um jornal digital e considerado como “nativo digital”, ou seja, que não migrou do impresso para o on-line, tendo já sido criado nesse ambiente. Segundo a sua própria definição, o jornal tem como objetivo, “trazer contexto às notícias e ampliar o acesso a dados e estatísticas. Sempre de forma inovadora e a partir de conteúdos amplos e instigantes, sua produção editorial privilegia o rigor e a qualidade da informação” (NEXO, 2020, s.p). O formato “inovador” que é referido, pode ser definido como grande reportagem multimídia, um recurso do jornalismo digital, adaptado das grandes reportagens veiculadas nos jornais impressos.

A grande reportagem multimídia é um recurso adotado pelo jornalismo on-line para exploração de instrumentos de convergência de linguagens do meio digital. Para Longhi (2014, p. 901),

Definimos tais produtos como formatos noticiosos hipermediáticos, ou seja, aqueles produtos informativos produzidos e distribuídos nos meios digitais de comunicação e informação, que contêm as características de multimedialidade, interatividade, conexão e convergência de linguagens próprias da linguagem hipermídia e do ambiente digital e online de informação.

A publicação de grandes reportagens multimídias é justamente uma das características mais presentes no jornalismo desenvolvido pelo Nexo Jornal. Em uma breve busca por reportagens, é possível constatar a adoção de infográficos e vídeos como recursos que auxiliam na compreensão dos textos e tornam a leitura mais interativa e atrativa.

O site Nexo EDU é uma plataforma de origem no Nexo Jornal, constituindo “uma ferramenta criada especialmente para professores e estudantes, um lugar em que o jornalismo encontra a educação” (NEXO EDU, 2019, s/p.).

A página traz uma seleção de conteúdos publicados pelo Nexo, em formatos variados e inovadores, como infográficos, vídeos curtos, mapas, textos explicativos, *podcasts*, testes de conhecimento e outros interativos. Esses materiais são uma fonte privilegiada de acesso a informações sobre atualidades — cada vez mais cobradas no Enem e nos vestibulares — e também sobre temas mais diretamente relacionados ao currículo escolar em geral. Podem ser muito úteis para uso em sala de aula, pesquisas escolares ou como material complementar (NEXO EDU, 2019).

Os recursos de interatividade adotados nas reportagens da plataforma são elementos essenciais para adoção dos conteúdos em sala de aula, uma vez que auxiliam na aprendizagem por meio de formatos inovadores, estimulando o interesse dos jovens.

⁴ <https://www.nexojornal.com.br/>

O acesso à plataforma é feito pela página inicial do Nexo Jornal, na barra de acesso às redes sociais, que fica localizada na parte superior da página. Ao ingressar no Nexo EDU, é possível localizar as chamadas das matérias mais importantes, que ficam em destaque e são categorizadas por temas, tais como: acadêmico, interativo, especial e vídeo. Os títulos ficam em destaque, junto a uma miniatura em imagem e a assinatura dos jornalistas responsáveis pela elaboração do conteúdo. Atualmente, para ter acesso às reportagens é necessário que o usuário seja assinante da plataforma.

O formato inovador do Nexo EDU pode ser verificado pela variedade de temas que, usualmente, não compõem a cobertura dos principais sites noticiosos do Brasil. Um exemplo é a reportagem “Os versos e os traços da literatura de cordel”. O especial foi produzido por quatro jornalistas e publicado em maio de 2017. Contém relatos, textos próprios desse tipo de literatura e vídeos. É interativo e apresenta imagens das capas de cordéis, com recomendação de leituras.

Em entrevista concedida ao Farol Jornalismo (2019, s. p.), a CEO e cofundadora do Nexo Jornal, Paula Miraglia, comenta sobre o conteúdo produzido para o Nexo EDU e sua interface com a Educação:

Para nós isso estava claro desde o começo. Queríamos ter uma interface grande com a educação e, aos poucos, fomos entendendo como. Hoje o Nexo Edu é vendido para escolas particulares, para professores e para alunos. A gente tem um projeto piloto de estar na rede pública de dois estados brasileiros que, talvez, se concretize esse ano. E temos o projeto que vai ser lançado neste ano do Edu com cursinhos populares.

Outra grande reportagem multimídia que o Nexo Edu veiculou na plataforma intitulada “Crédito de carbono: a aposta do mercado contra o efeito estufa” atende aos requisitos de grande reportagem multimídia, pois apresenta um percurso histórico em forma de texto, imagens, gráficos, vídeos e *links* para aprofundar o tema. A reportagem foi veiculada em 4 de outubro de 2019 e se trata de um claro exemplo de material que pode ser apresentado em sala de aula para contrapor as notícias falsas que tentam desacreditar pesquisas climáticas sobre o efeito estufa.

A atualidade dos temas abordados é outro elemento de destaque. Um especial publicado em agosto de 2020 com a chamada “O cálculo de uma tragédia”, perpassa o histórico da pandemia da Covid-19 (Novo Coronavírus), que atingiu a marca de 100 mil mortos no Brasil. Por meio de infográficos, a reportagem refaz a cronologia do avanço do vírus no país e decifrando as estatísticas que compõem o cenário de tragédia nacional. Esta é apenas um capítulo de uma série de cinco reportagens que auxiliam a compreender como a pandemia se desenvolveu.

À semelhança das eleições presidenciais brasileiras de 2018, em que houve uma irrupção de fabricação e compartilhamento de notícias falsas, a pandemia de Covid-19 tem sido tema de incontáveis *fake news*, envidando um esforço de veículos de comunicação e agências de checagem para desmitificar informações duvidosas.

5. Considerações finais

Não há dúvidas da necessidade premente de se incluir a alfabetização midiática e informacional (AMI) nos currículos escolares. Além do debate acadêmico que conta com grandes contribuições, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) lançou, em 2013, a obra “Alfabetização midiática e informacional: currículo para formação de professores”. Na apresentação da obra, Karklins (2013, p. 11), ressalta a importância da AMI

Movida pelos avanços tecnológicos nas telecomunicações, manifesta-se também a proliferação das mídias e de outros provedores de informação, por meio de grandes quantidades de informação e conhecimento que são acessadas e compartilhadas pelos cidadãos. Com esse fenômeno, e partindo dele, existe o desafio de avaliarmos a relevância e a confiabilidade da informação sem quaisquer obstáculos ao pleno usufruto dos cidadãos em relação aos seus direitos à liberdade de expressão e ao direito à informação. É nesse contexto que a necessidade da alfabetização midiática e informacional (AMI) deve ser vista: ela expande o movimento pela educação cívica que incorpora os professores como os principais agentes de mudança.

No que se refere à confiabilidade da informação, é também papel do Jornalismo incluir-se nesse movimento, seja como o agente de resgate do discurso abalado pela desconfiança do público, seja como combatente às *fake news*. O jornalista, enquanto profissional produtor da informação, deve assumir seu dever com a responsabilidade social que lhe imputa seu Código de Ética bem como os Princípios Internacional da Ética no Jornalismo (IJUIM, 2009).

Ainda que não como objetivo-fim, a plataforma Nexu EDU acaba por cumprir função educativa como parte de uma iniciativa de alfabetização midiática e informacional quando destina parte do seu conteúdo com caráter educativo com a finalidade de ser trabalho em sala de aula.

O caráter financeiro, que condiciona o pagamento de mensalidade para acesso ao conteúdo, pode limitar o acesso no ambiente escolar. Ainda que a notícia seja considerada informação transformada em “mercadoria” (MARCONDES FILHO, 1989) e os veículos necessitem adotar modelos de negócio buscando sua manutenção com meios próprios, é importante analisar o caráter de interesse social do conteúdo compartilhado pelo Nexu EDU,

podendo ser estudada a aplicação de uma plataforma gratuita, para promover amplo acesso ao conteúdo.

O conteúdo da plataforma Nexo EDU não é produção exclusiva para seu acervo, sendo destinada do conteúdo geral do Jornal Nexo e recebe a chancela de conteúdo educativo. Outros jornal on-line que produzem reportagens multimídias podem experimentar a adoção do modelo e também destinar seus conteúdos para esse tipo de finalidade educacional. Recentemente, o jornal Estadão criou plataforma semelhante, o Estadão Incentiva, que visa dar acesso gratuito a jovens estudantes de graduação e pós-graduação às notícias do site, para estimular o hábito da leitura e ajuda-los nas tomadas de decisões, com acesso à informação de qualidade⁵

O combate à fabricação e disseminação de *fake news* precisa de mais esforços. O Jornalismo, com as agências de checagem de fatos, contribui com as ferramentas que lhe são indispensáveis: a apuração jornalística. A alfabetização midiática, no entanto, é a competência indispensável na capacitação de cidadãos críticos em relação à mídia, capazes de identificar uma notícia falsa quando estiver diante de uma. Uma competência que não deveria ficar restrita às salas de aula nem ao debate acadêmico, mas que precisa ser inserida nas pautas dos veículos de comunicação.

Referências

ANDRELO R.; OLIVEIRA, M. T. de. Mídia-educação: da criatividade à livre-expressão na escola. *Comunicação & Educação*, ano 17, n. 1 (jan/jun 2012).

BÉVORT, E.; BELLONI, M. L. Mídia-educação: conceitos, histórias e perspectivas. *Educação & Sociedade*, Campinas, vol. 30, n. 109, p. 1081-1102, set./dez. 2009.

BUCKINGHAM, David. “Precisamos realmente de educação para os meios?”. *Revista Comunicação & Educação*, ano XVII, n.2, jul/dez 2012. São Paulo: ECA/USP, 2012.

D’ANCONA, M. *Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news*. Tradução: Carlos Szlak. Barueri, SP: Faro Editorial, 2018.

EMPINOTTI, Marina Lisboa; PAULINO, Rita de Cássia (2018). Aproximações entre jornalismo e educação. *Comunicação & Educação*, 23(1), 53-64. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v23i1p53-64>. Acesso em 10 dez. 2019.

⁵ Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral/estadao-incentiva-dara-assinatura-para-estudantes-de-cursos-superiores>, 70003350068. Acesso em 19 ago 2020.

FAROL Jornalismo. Trajetória do Nexo Jornal demonstra força do relacionamento com o público e sugere segmentação para o futuro das redações. Disponível em <http://faroljornalismo.cc/blog/miraglia/>. Acesso em 02 dez. 2019.

FIRST DRAFT News. **Understanding Information Disorder**. Disponível em: https://firstdraftnews.org/wp-content/uploads/2019/10/Information_Disorder_Digital_AW.pdf. Acesso em 2 dez. 2019.

IJUIM, J. K. A responsabilidade social do jornalista e o pensamento de Paulo Freire. *Em Questão*, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 31 - 43, jul./dez. 2009.

KARKLINS, Janis. In: UNESCO. *Alfabetização midiática e informacional: currículo para formação de professores*. (2013). Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000220418>. Acesso em 10 dez. 2019.

KELLNER, Douglas; SHARE, Jeff. Educação para a leitura crítica da mídia, democracia radical e a reconstrução da educação. *Educação & Sociedade*, Campinas, vol. 29, n. 104 - Especial, p. 687-715, out. 2008.

KEYES, Ralph. *A era da pós-verdade: desonestidade e enganação na vida contemporânea*. Tradução: Fábio Creder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

LONGHI, Raquel. O turning point da grande reportagem multimídia. In: *Revista FAMECOS* Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 897-917, set.-dez. 2014. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/18660/12569>. Acesso em 6 dez 2019.

MARCONDES FILHO, Ciro. *O capital da notícia: jornalismo como produção social da segunda natureza*. 2 ed. São Paulo: Editora Ática, 1989.

NEXO Jornal. Sobre o Nexo. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/sobre/Sobre-o-Nexo>. Acesso em 2 dez. 2019.

NEXO EDU. Sobre o Nexo EDU. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/edu/sobre>. Acesso em 2 dez. 2019.

REUTERS INSTITUTE. *Digital News Report 2020*. Disponível em: https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2020-06/DNR_2020_FINAL.pdf. Acesso em 14 ago 2020.

ROUBICEK, Marcelo. Crédito de carbono: a aposta do mercado contra o efeito estufa. *Nexo EDU*, 04 out 2019. Disponível em <https://www.nexojournal.com.br/explicado/2019/10/04/Cr%C3%A9dito-de-carbono-a-aposta-de-mercado-contr-o-efeito-estufa>. Acesso em 6 dez. 2019.

SANTAELLA, Lucia. *A pós-verdade é verdadeira ou falsa?* Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2018.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são*. v. 1, 3 ed., Florianópolis: Insular, 2012.